



32101 051446860

3154
.691

OSORIO DE VASCONCELLOS
GARRETT, CASTILHO, HERCULANO
E A ESCOLA COIMBRA...

CARRETT CASTILLO, BENIGNO

E A ESCOLA COIMBRA

UM DISCURSO

ACERCA DA GENIOLOGIA DA NOBILIDADE ESCOLA

DE

UM EXCURSO SOBRE O ESTATO DA LITTERATURA PORTUGUEZA

DEBATE DO CHALCO

DEBATE DO CHALCO

DEBATE DO CHALCO

DEBATE DO CHALCO

DEBATE DO CHALCO

DEBATE DO CHALCO

DEBATE DO CHALCO

GARRETT, CASTILHO, HERCULANO

E A ESCOLA COIMBRÃ

OU DISSERTAÇÃO

À CERCA DA GENEALÓGIA DA MODERNA ESCOLA

CONTENDO

UM ESBOÇO RÁPIDO E PITTORESCO DA LITTERATURA CONTEMPORANEA

PELO

ERMITA DO CHIADO

A. Osorio de Vasconcellos



LISBOA

IMPRENSA DE J. G. DE SOUSA NEVES

17 — Rua do Caldeira — 17

1866

(RECAP)

3154

1691

«Surgiu a nova escola! Hossana! Anthero do Quental, que por felicidade propria e nossa, escrevera um *fat lux*, apresentou-se-nos com outro ha pouco, petiscando com o fusil da idéa na pederneira do infinito. Surgiu a nova escola! Bravo! Temos luz. Nasceram novos soes, que descambando lá do ether da mais pura esthetica, vieram reboando até á terra. Isto vae ás mil maravilhas. Luz por todos os lados. É um louvar a Deus. A sociedade portugueza é de todas a mais esclarecida, graças aos novos phylosophos. A patria reconhecida deve erguer-lhes um moundmento. Agora que o mundo novo se alça por sobre as empenas e fustes dos parthenons antigos, e cobre de laçarias as ruínas carcomidas; agora que as sociedades, vendo emfim reluzir por entre o negrume do futuro o facho—reflexo do passado—que ha-de guial-as no seu caminho para a perfectibilidade; incumbe á poesia ser locomotiva infrene que conduza e arraste a humanidade á conquista dos seus destinos sacrosantos. Agora sim. A poesia é a phylosophia em verso, é o rythmo que embala a idéa no seu balanço pelos intermundios; é a modulação...»

Isto e muito mais ouvia eu da boca de um visinho, que é um Hegel derramado, capaz de metter n'um chinello o Sousa Lobo. Puz-me porém a meditar, e adivinhe o leitor o que me aconteceu? Peguei em mim e fui comprar as obras dos amigos phylosophos, que dirigem a humanidade.

—E que tal! dizia eu com os meus botões. Ainda ninguem intentou provar que eu seja um macaco, ou qualquer outra alimaria da terra, como diz o Padre Vieira. Logo, sou homem, e como tal pertença á humanidade. *Homo sum, nihil a me humani alienum puto*, diz Terencio e digo eu. Ora se sou parte integrante da humanidade, aonde diabo irei dar com os ossos, se não souber de cór e salteado os dictames da phylosophia?

Corri pois os livreiros, comprei o Anthero a peso, o Theophilo a medida, e sem peso nem medida a toda a caterva de phylosophositos, que estes patriarchas açularam contra o Castilho.

Eu cá, amigo leitor, vivo com muito cuidado no meu escondi-

so, para não escorregar, por isso nem mesmo tinha lido as diatribes, o *jus verrinum* (direito de Verres, ou gúmo de porco?) dos rapazotes recachos contra o velho Castilho.

Não se admire. Acostumei-me a chamar ao Castilho grande homem, e mal o ouvi alcunhar de homem grande, como quem quer dizer outra coisa, fiquei tão mofino, que não quiz saber de mais nada.

Mas como se tractasse de phylosophias, comprei tudo, e passei tres dias de amargura. O caso é que não entendi nem pata-vina do Anthero. Aquillo é o diabo, não é homem. Escreve charadas, como quem bebe agua. E o Theophilo? Oh! que estupendo massador! Aquelles prologos são uma especie de arca de Noé, aonde baila a bicharia de todas as litteraturas, são o cavallo de Troia, de cuja barriga saíram coisas do arco da velha. É um homem começar a ler, dormir a somno solto, accordar, ter perdido o fio, recommençar no principio, dormir outra vez, accordar de novo e assim successivamente, *usque ad infinitum*, tal é o effeito dos taes prologos. O Theophilo descobriu o verdadeiro charope das dormideiras, que a sociedade pharmacologica de Londres mandou buscar ao Thibet, e inventou o *motu continuo*, que nenbuma academia accceita.

Passei a ler os versos. Cheguei á bachante e gostei. Aquillo era *piteira* de tremer. Bom! bradei eu. Se o mundo reformado correcto e augmentado pela phylosophia é assim, fica um mundo de borrachões. Passei em seguida ás *Ceias de Nero*. Mais piteira! Este senhor Theophilo é pelos modos proprietario de vinhedos, pensei ingenuamente. Não falla senão em bebedeiras e orgias! Nada. Isto não presta. Não gosto desta phylosophia. Voltemos ao Anthero, disse abrindo a bocca sem querer. Deitei-me ás *Odes Modernas unguibus et rostris*! Não havia metter dente naquelle manjar. Sarças, mattos, maninhos, covis, fojos, algares, tudo lá encontrei, e depois de percorrer o labiryntho, cheguei ao cabo todo molesto, ensanguentado e em farrapos. Aquellas *Odes* são um atalho por dia de neveiro. Decididamente, bradei berrando como um possesso, ou eu sou muito bruto, ou o tal Anthero esteve a zombar com o publico. Deus nos livre que o mundo se reformasse assim. Andavamos todos ao cachação, porque ninguem se entendia.

Deve o leitor ter notado que eu sou teimoso, como um ethiope. Por isso, tendo-me mettido em phylosophias cá da terra (que lá nas germanicas ninguem me apanha) comprei os folhetos pró e contra o Castilho, e devorei-os. Quando li o do Theophilo puz-me a rir ás bandeiras despregadas. Safa! Que linguinha de prata! E o de um tal Elmano da Cunha! E o de um Portocarreiro! Que sucia de desconchavos!

Zangado e aborrecido de tantas phylosophias e reformas so-ciaes; amofinado com as descomposturas mutuas e até com a lista dos nomes que o Julio de Castilho publicou, desadorando de ambos os partidos, mas pendendo sempre um pouco para a escola, em que me creei, voltei para o Chiado e prosegui na minha vida antiga.

Mas debalde procurei o socego, que não pude encontral-o. Fôra mordido pela tarantula, era-me necessario dançar. Lembrei-me então de buscar a genealogia da nova escola, a qual, por isso que é portugueza, ha-de filiar-se de algum modo em tradições portuguezas, porque nas allemãs não creio, pois os rapazotes entendem tanto de pantheismo transrhenano, como eu.

Lembrei-me tambem que um bello talento francez, M. de Jouy, com o pseudomynho do *Ermita de la Chaussée d'Antin*, azorragou os litteratiços do seu tempo, os romanticos façanhudos e os classicos rotundos.

Lembrei-me ainda, que no seculo passado houve em Londres um famoso Junius que tosou impiedosamente os phylosopharrões e poetas impolvilhados seus contemporaneos. Arrastado por tão preclaros exemplos, disse de mim para mim: Não quero arcar com a *phylosophada* moderna. Siga cada qual o seu caminho. Mas eu, que ha tantos annos vejo passar todos os litteratos cá do meu posto, eu que tenho sido espectador de todos os acontecimentos litterarios, posso, sem esforço, fazer um serviço á historia, ou pelo menos á caricatura, buscando a genealogia tradicional da nova phylosophia. Quem sabe se os rapazes não fazem senão exaggerar os exemplos legados pelos magnates, que hoje pompeiam por ahi?

Meu dito, meu feito. Puz mãos á obra, e apresento ao leitor o que safu.

II

Leitor! Não espere que eu lhe falle de Mendes Leal, que começou pela judiaria dos *Dois Renegados*, lançou muita luz no palco, gastou a vida a rimar *aguia* com *pague-a* ou *apague-a*, e levado pelo seu entranhado amor dos trocadilhos, querendo fazer uma grande Marinha, fez uma Marinha grande, sem n'isto offender a fabrica dos vidros.

Callarei Rebello da Silva que se obumbra em Historias impossiveis, teceu ha pouco um romance, que é brinquedo de titeres, verdadeira phantasmagoria, da qual o Walter Scott se está rindo mesmo na tumba, agarrado ao seu Woodstock, e afim de cimen-

tar a sua gloria, imaginou o bom do Philippe I navegando Na-
bão a baixo em alteroso bergantim para ir da foz ás Cortes de
Thomar.

Esquecerei Teixeira de Vasconcellos, Quixote litterario, que es-
creveu o *Prato de Arroz Doce*, que mais parece arroz de sub-
stancia, porque cheira a refogado, que tresanda, e bem assim o
Palmeirim, com os seus veteranos da Península, barão de Gri-
mancellos litterario; e o Camillo, cujos romances são receitas
aphrodisiacas para corações enfermos; e o Julio Machado, que
mesmo antes de viajar esqueceu bastante o portuguez; e o Pi-
nheiro Chagas, Ashawerus litterario, homem das botas de sete le-
guas, que deu agora uma passada até ao Mexico no baixel da *Re-
vue des Deux-Mondes*, Dumas portuguez, ainda mal para o seu
grande talento; e o Latino, que não sabendo patavina de cris-
taes, tem uma linguagem cristallina, tersa e limpida e.... al não
diz; e o Vieira de Castro, que tem inchaço na lingua, e anda
agora, qual funileiro ideal, a *soldar a argamassa dos tumulos*,
que os partidos mortos arrombaram com o rijo craneo; e o Osorio
de Vasconcellos, que muitas vezes é litterato em sciencia, e scien-
tífico em litteratura, e cujo estylo é tão imaginoso, que ás ve-
zes não passa de imagem; e o Julio de Castilho, que

mata o tempo co' sorriso,
emquanto o tempo o não mata
não herdou lingua de prata,
talentinho lhe diviso;

e o Eduardo Vidal, poeta de sentimento e de fôrma, prosador de
grã chateza, *cavaqueador* insupportavel; e o Bulhão Pato, mes-
tre de Vidal como se appellida agora, Méry no cavaco, hespanhol
no gesto, portuguez no coração, alma de foguete, poeta como
poucos; e o Jaime Moniz, que é tão profundo, que vive n'um
poço, talvez para não ouvir o Bulhão Pato dar lição; e o Tullio
que é venerando com os codices, dá-lhes continua alimpa e ape-
sar de inventar o noticiario em Portugal, quasi sempre lhe falle-
ce a veia; e o Viale, que é grego com Homero, latino com Vir-
gilio, italiano com Dante, e a um tempo grego, latino e italia-
no com os portuguezes; e o Thomaz Ribeiro, talento soberbissi-
mo, ignorante de lei, que fez do seu heroe um bêbedo, encare-
ce a litteratura hespanhola e não teme que lá divisem a inspiração
que o guiou; e o Ricardo Cordeiro, que foi Ricardo Coração de
Leão na *Sociedade elegante*, e cordeirinho no *Cura d'almas*, que é
perfeito *agnus Dei*; e o Correia de Barros, que com o drama *A
Nobreza* ateiou o incêndio, que lhe lavrava no intimo; e o João
de Lemos, vate legitimista, mas nem sempre poeta legitimo; e o
Pereira da Cunha, que escreveu o S. Pedro, e não acha Messias

que lhe dé a pedra, sobre a qual possa fundar a sua egrejinha eleitoral; e o Santanna de Vasconcellos, cujos versos não tem o refeito e pujança do auctor; e o Thomaz de Carvalho, mais perigoso pela lingua do que pelo bisturi, Mephistopheles de sala, que um dia fez o papel de Fausto e escreveu uma bella memoria osteologica; e o Bernardino Pinheiro, romancista mosarabe, que tem a ingenuidade de chamar a um banco um escabello; e o Marecos, poeta-membrudo, que fez de uma preta uma heroína scandinava; e o Soares Franco, que foi theologo na *S. Izabel*, e magico na *Cruz do Captiveiro*; e o visconde de Gouvêa, que acordou ha pouco com os Gutterres, como se vivessemos ainda na época saudosa dos *solaus*; e o Olympio de Freitas, ex-folhetinista, poeta-satyro e de talento, para quem todas as mulheres são Omphales... em folhetim... e sem Hercules; e o Eduardo Garrido, que sonhava com o pomo hesperideo quando escrevia a *Pera de Satanaz*; e o Biester louraça incorrigivel, que ao contrario da fabula, é uma rãa a parir montanhas dramaticas, cujas chapadas são asneiras, ou cujas asneiras são chapadas; e o Cunha Bellem, phylosopho *craintif*, que procura aonde está a infelicidade, como quem procura aonde está um diamante; e o Arnaldo Gama cujo busto hade figurar nos braços do Porto, como o Walter Scott da terra; e o Andrade Corvo, pipia fluente com pescoço taurino, dramaturgo inclassificavel, agronomo que ignora o plantio das couves, e no fim de tudo, homem de talento e aptidão; e o José Horta, cujos olhos arremettem com as nuvens, cabeça com pretensões a abano, bigode hirsuto, e litteratura scientifica mais hirsuta ainda; e o Gomes Monteiro, cujos *Echos da lyra teutonica* esmoreceram do Danubio ao Douro, com quanto o imitador ficasse respeitado, porque ao menos foi intelligivel e castigo; e o Soromenho, Caligula romantico, seide do Herculano; e o Antonio de Serpa, cantor do *Corsario* ou de coisa que o valha, rosto magro e pallido, olhos amortecidos, palavra mordaz, inquisidor disfarçado; e o Innocencio da Silva, billiographo meodramatico, trapeiro de folhetos, vidente da poesia dos codices; e o Andrade Ferreira, que espicaça como critico e como auctor escreve a *Camisa Picada*; e o Rodrigues Cordeiro, que se não foram prejuizos de nome, podia figurar na *Corte na Aldea* do seu conterraneo Rodrigues Lobo; e o Pedro Diniz, que ensina em verso a berraria dos animaes, e para os imitar falla prosa gongorica; e o Francisco Palha, que transformou a arte dramatica em tragedia heroi-comica; e o Ricardo Guimarães, que falla pelos cotovellos, e escreve com os cotovellos, tão maneirinhos e arredondados lhe saem os periodos... da sua *litteratura politica*; e o Ramalho Ortigão, que para não mentir ao nome, saiu-se como Mambrino pedagogico, a fazer cama de *artigos* aos

contendores, julgando-se arvore *ramalhosa*, mais admiravel do que as de Holberg; e o Manuel Roussado, que apesar de não escrever as *tempestades sonoras*, é sonoro como o *sino grande*, que tantas vezes invoca... ou inboca; e o Ayres de Gouvêa, pythonisa humanitaria, variedade *macha* das *Précieuses ridicules*; e o Eduardo Coelho, chefe dos *claqueurs* litterarios, desses *Ugolinos* descarnados que rastejam na baixa litteratura.

Todos estes que ahí puz sem ordem e ao correr da penna e muitos mais callarei ainda. Não foram elles os que iniciaram a litteratura moderna; não foram chefes de escola; não ensinaram; não beberam na Hippocrene que rejuvenesceu as molas já gastas dos nossos avoengos. Os primeiros, os que innocularam o sainete caracteristico, os que lançaram as primeiras sementes, foram Garrett, Castilho e Herculano.

Fallaremos de cada um delles. Apresentemos-lhe as feições com meia duzia de linhas; tracejemos-lhe os caracteres; delimitemos a sua influencia proxima ou remota.

III

A tout seigneur, tout honneur.

Comecemos por Garrett. Eis um grande vulto, um genio creador, um varão respeitavel, um espirito sagaz e atilado, um caudilho valoroso, um homem enfim, que nas lettras portuguezas influuiu como grande genio, e profundo erudito, que era. Ao passo, que seguindo o exemplo dos bons mestres attendia á correcção de forma e ao atticismo do estylo, espirito irrequieto, penetrante, investigador, mobil, expansivo, voltou-se para todos os campos da litteratura, foi poeta, orador, politico, prosador, historiador, em tudo foi grande, em tudo foi o maior dos portuguezes. Dotado de immensa agudeza e perspicacia, capaz de altas admirações, como todos os grandes genios, que nunca são invejosos, Garrett foi o luminar da moderna litteratura, luminar que uma vez extincto, nunca mais ninguem poude reacender.

É que os genios não se improvisam. Garrett creou-se com os classicos, mas a sua imaginação librava-se já a mais altas regiões. Mas nem por isso deixou de estudar profundamente. Era erudito como poucos. Ahí está o *resumo da litteraturu classica* a affirmar a muita sabedoria e a fina critica do auctor de D. Branca.

Fazendo de Phylinto o chefe da renovação litteraria, que elle inaugurava, Garrett ao tempo que escrevia dois poemas, entre-

via em sonhos o *Cancioneiro*, traçava os primeiros filamentos dos seus dramas, e seguia, não como discípulo, mas como companheiro, e muitas vezes com superioridade, as tentativas dos innovadores da litteratura franceza.

Garrett é o patriarcha, que os litteratos portuguezes devem invocar, porque era portuguez de lei, não mareava as nossas joias com ouropeis estranhos. Garrett creou o theatro, inventou o folhetim, aclimou o *humour* de Stern, renovou a eloquencia, avivou a poesia popular, engrinaldou a lyra portugueza.

O seu testamento é glorioso. Deixou-nos um formoso legado composto de obras-primas. *Merope* e *Catóo* reminiscencias de Voltaire temperadas pelo genio peculiar do auctor, o *Parnaso Lusitano* modelo de selecção, a *D. Branca* episodio epico incomparavel, *Camões* elegia sublime, o *Cancioneiro* repositorio de esplendores sem reproches, as *Viagens na minha terra* desespero de folhetinistas e romancistas, *Um auto de Gil Vicente*, aureo reflexo de uma época memoravel, o *Alfageme* tão portuguez, tão nosso, que nos obriga a cantar com Froylão e a combater com Nun'Alvares; o *Fr. Luiz de Sousa* drama de primeira ordem, modelo eterno do genero, o *Arco de Santanna* tão cheio de allusões finissimas, e aos sessenta annos, admirai berberes, curvavos mosarabes, batei nos peitos rapazes-velhos, aos sessenta annos Garrett, sempre juvenil, escreveu de um jacto as *Folhas caídas!*

Isto não se faz agora.

Pois o grande homem nunca foi obscuro, antes primou sempre na clareza. Não empregava archaismos e neologismos; esquecia os ruins exemplos de Phylinto; não phylosophava, sentia. Era verdadeiramente portuguez; tinha a difficillima chaneza de Gil Vicente, aquella simplicidade e graça no dizer, que ninguem imita, porque é dom natural.

Sabia muito, mas não blazonava. Assim que, foi o unico homem da revolução, foi o fundador da nova litteratura, o patriarcha da religião, que se alevantava.

Aos Chateaubriand, Lamartine Stael, Hugo e Vigny da França; aos Byron, Scott, Moore da Inglaterra; aos Goethe, Schiller, Tieck, e Herder da Allemanha, ou á côrte de Weimar; aos Oelenschläger da Dinamarca; aos Poutchkin e Gogol da Russia; aos Manzoni, Leopardi, Niccolini, Tommaseo e tantos outros de Italia; aos Espronceda, Rivas, Zorrilla e Larra da Hespanha, respondemos com Garrett, porque este fez em Portugal o que aquelles fizeram no seu paiz — assentou a litteratura no genio nacional.

Garrett não pôde por tanto ser o pai da nova escola coimbrã. Garrett era portuguez de lei, era verdadeiro poeta, e o rouxinol não gera ursos.

IV

Fallemos agora de Castilho, desse rei lyrico, que uns torvos hussitas querem destronar, sem que elle lhes tire a pelle com uma *tosquia*, e faça um tambor della.

O que é Castilho? Qual o papel que representa na litteratura contemporanea? Que logar lhe cabe? Analyse-mos.

Castilho é, como disse Amaro Mendes Gaveta, o rei do verso e não o rei da poesia. Para isso falta-lhe o sentimento. Castilho é como os cantores, que, segundo a expressão musical, cantam de cabeça.

Quando o vemos alar-se batendo azas de falsa inspiração, lembramos o aerostato inchado de gaz, que se bamboleia nas alturas, e não a aguia altaneira, que se libra rapida e senhoril e fita o sol.

O Ovidio portuguez, erudito insigne e sapientissimo, metrificador sem rival, espirito sarcastico, perspicaz e agudo, não é poeta, apesar de todos os seus esforços.

Os seus versos lembram a perfeição de Sapho, podem até comparar-se a Niobe, que entorna sobre um tumulo a urna de prantos, mas não recordam a grandeza sculptural de Judith nem as lagrimas da virgem christã, que por tarde de outomno, quando o sol se esconde nas cumeadas, reza na cathedral gothica sobre a campa do amante, que morreu na refrega.

Castilho é a perfeição grega combinada difficilmente com o lyrisimo moderno.

Em todas as suas obras se nos deparam a cada passo recordações hellenicas.

Ah! É que Castilho não pôde ver a natureza, não tem olhos para a contemplar, e só na natureza está o verdadeiro sentimento.

Por isso é poeta artificial e postiço, chora a compasso, o seu pranto é rythmico, e como a actriz grega, que representava uma tragedia de Eschylo, tanto estuda o choro, que a final pôde desfiar o riso da plateia.

Falho por tanto de sentimento e de inspiração; perseguindo debalde a Laura inspiradora assim em Castalia como em Vacluse; frio desde as cartas de *Echo a Narciso* até á *Epistola ao Imperador do Brazil*, Castilho não só não podia competir com Garrett, mas outro logar lhe cabia.

Quando raiou em Portugal a aurora litteraria logo após a aurora politica; quando a liberdade assomou no horisonte de envolta com as auras da poesia romantica, Castilho que já havia es-

tudado profundamente as litteraturas classicas e convivera em intimo trato, nos cerros do Caramulo, com as nove irmãs, ficou tomado de espanto subito ao ver a reforma litteraria. Não desanimou com tudo. Poz-se a trabalhar de novo, honra lhe seja, e ajudado pelo seu grande talento e pela fama já adquirida, conservou o seu lugar logo abaixo de Garrett.

E optimos serviços prestou, os quaes é necessario confessar para que sejamos justos.

Comedido nas suas aspirações viu que lhe competia principalmente dirigir a nova pleiade e ensinar-lhe como se attende ao *estyllo* e á *forma*.

Empreza difficil era esta nas primeiras tormentas romanticas, quando surgiam vates de toda a parte, como tortulhos em pinheiral alpestre, após borrião de verão.

Negava-se então a importancia do *estyllo* e da *fôrma*. Castilho, artista imminente affirmava o contrario e venceu o pleito. Continuando as velhas tradições da Grecia e do Lacio, Castilho, com melhor erudição e maior talento foi certamente o Delavigne portuguez. Mostrou que o mesmo genio carece de conhecer certas minucias technicas, que o *rythmo* é essencial, que não se trata de reduzir a arte a uma questão de forma, mas sim de dirigil-a para melhor conseguir o fim, que se propõe.

Foi em virtude destes principios que Castilho enriqueceu a poetica portugueza com o alexandrino, e para não se furtar á mania de Quintiliano aldeão, votou pena de morte á lettra grande em principio de verso e transformou o octosyllabo em heptasyllabo.

Falta-nos espaço para analysar convenientemente este grande vulto da litteratura contemporanea, e porque não faltarão occasiões para isso, não fallaremos das suas muitas obras em diversos ramos; diremos sómente que Castilho, como todos os apostolos, exaggerou a importancia da sua predica e quiz substituir a inspiração pela perfeição. Este o seu crime, de que está soffrendo agora. Para ser perfeito entendeu que devia usar um *estyllo* affectado, imitação por vezes desgraçada de Fr. Luiz de Souza e Vieira; desenterrou certos vocabulos horrendos a par de outros muito formosos; tornou-se piegas com as suas *phylosophias* humanitarias, que *impinge á má cara*, e blandicias insidiosas; matou a critica com o elogio-mutuo desbragado, impudico e ribaldo, sonhou reformas sociaes e aninhou emfim a vibora, que ora o está mordendo.

Pois não será Castilho um dos progenitores da escola de Coimbra? Quem poderá negal-o? Se a analyse das pieguices communs nos conduz a esta conclusão, muito mais convencidos ficaremos, se nos lembrar-mos que o suburbano de Castilho é o cenaculo

aonde Anthero se creou e recebeu elogios traçoeiros, em vez de franqueza e ensino.

Lembre-mos que Castilho esteve não ha muito em Coimbra, aonde abraçou, acariciou e encheu de elogios aos phylosophos de agora. Arrastado pelo vicio predominante de sua natureza, em vez de esmagar com o calcanhar a hydra nascente, aninhou-a para se rir.

Justo castigo !

Pois o patriarcha, que fazia e desfazia reputações, graças á sua posição e ao elogio-mutuo, necessitava acaso de que soldados rastos, e alguns bisonhos, arcassem primeiro com a neblina coimbrã, para a enchotar ?

Esta a verdade.

Castilho, que é falso poeta, foi falso litterato e mais falso phylosopho.

Levado das suas tendencias phylosophicas, que expendeu em theorias abstrusas e humanitarias, lançou a primeira semente da pseudo-phylosophia. Caindo em pieguices de estylo, desenterrando palavrões e archaismos, matou a simplicidade, gerou os Camilhos e os Vieiras de Castro e os insanos, que se filiaram nessa escola daninha.

Animando e encarecendo os rapazelhos no theatro academico de Coimbra, tecendo elogios e coroas, festejando o Maio na Lapa dos Esteios, deu ar, luz e calor á manceuilheira que ainda rastejava e o envenena agora.

Queixe-se de si.

V

Temos em frente o terceiro vulto—o homem dos sete palmos de terra, o poeta da *Semana Santa*, o auctor de Eurico, o historiographo do reino, o Hamlet que faz negaças ao publico da beira do seu sepulcro. É Alexandre Herculano. Escusado era nomeal-o.

Havia em tempos muito remotos na Arabia Petrêa um marabuto ou santão, que era de character rustico, intractavel e fero. Tinha por vêzo ou doença abespinhar os compatriotas, affirmando que tudo ia de mal a peor, que o caid era tolo e creança, que os habitantes do aduar visinho haviam de conquistar o oasis, que as palmeiras floriam tarde e a más horas e davam fructos deslavados, que os poços seccavam, os camellos não creavam leite, e os abestrôzes não punham ovos.

Estas e outras parvulezas propheticas chegaram aos ouvidos do

caid, que tinha más tripas e não gostava que abocanhassem o seu governo, que em verdade não era dos melhores.

— Dize lá, ulema, exclamou o caid incendiado em raiva. Quem te manda a ti ser abelhudo?

O marabuto encolheu os hombros e respondeu :

— Nada mais te digo senão que me des seis palmos de aréa. Este era mais baixo e contentava-se com aréa.

— Porque?

— Porque isto vae mal.

— Cortem a cabeça ao marabuto, bradou o caid, e dêem-lhe seis palmos de aréa.

E o marabuto gozou desde então de fama de doido.

Justiça de moiro, dirá o leitor. Justiça dos povos, digo eu. Mais tarde ou mais cedo surge a verdade. Não ha abafal-a.

Pois se Herculano julga o paiz moribundo porque lhe não aco-de, e se retira? Egoismo! Se o paiz morreu já, porque se repasta Herculano no cadaver? Appetite de abutre! Nós tambem somos verdadeiros liberaes, mas não damos armas aos inimigos. Cerremos porém a vista a estas fraquezas, e consideremos rapidamente o artifice, o obreiro.

Herculano não pôde aspirar ás honras de patriarcha. Quando appareceu, já Garrett e Castilho campejavam havia muito e já tinham feito a revolução litteraria.

Mas sobráva-lhe ainda vastissimo campo para a sua actividade.

A historia e as tradições! Que formosa messe! Que de thesours e quem podesse desentranhal-os do pó! Que riquissimas *pepitas* a quem seguisse o filão, e as separasse da ganga!

Herculano assim fez, não sem haver pago o seu tributo ás musas e tropocado no rythmo.

Fundou o *Panorama* e assentou as bases da sua gloria, publicando estudos de folego, lendas magnificas, romances historicos, em que revelou superior talento, estylo vigoroso, erudição vastissima, um certo tacto phylosophico.

Desde então a fama de Herculano cresceu rapidamente. O seu nome foi ouvido em Paris e inscripto na academia franceza.

Eram-lhe devidas estas honrarias.

Estimamos que o talento renda preito ao talento, e o saber ao saber.

Herculano, com ser inferior, na nossa opinião, a muitos dos historiadores modernos, porque na sua Historia de Portugal falta a *connexão phylosophica*, a apreciação luminosa, o traço caracteristico, rapido, incisivo e unico que consubstancia uma época e lhe dá a feição; Herculano com perder muito comparado com Macaulay, Prescott, Thierry e Michelet, é comtudo um bello ta-

lento, e a sua obra é monumento para nós, que tanto carecíamos delle.

Porque Herculano tem um certo pendor para a epopéa; não se desprende do heroe e esquece ás vezes a humanidade.

Mas passemos adiante. Não é como historiador que nos importa esboçar a figura sculptural de Herculano. Para buscar a filiação da escola de Coimbra, abramos o *Eurico*, que muita gente recebe injustamente como reminiscencia do *Jocelyn*. O que é este *romance-poema*? Ninguém pôde classificar-o. É um acervo de monstruosidades, é o prologo já denso e caliginoso da philosophia, que ora escurece o bello firmamento do nosso Portugal.

Aquellas noites de *Cryssus* são dignas de um Anthero, se Anthero tivesse o talento de Herculano.

Não admira. O nosso historiographo viveu em Inglaterra, aonde o nevoeiro impera,

Se junctarmos este reparo ao temperamento hypocondriaco e ao animo selvagem de Herculano, encontramos a chave do enigma.

No *Eurico*, e em partes do *Monge de Cister*, deparam-se-nos os primeiros alvares da moderna philosophia.

1.º Periodos longos e substanciaes, repletos de palavras, que são pertença de lexicographos.

2.º Nevoeiro de idéas encontradas, imagens impossiveis e absurdas, que nem mesmo se encontram no Dante, como esta, entre mil:

«Sabes tu, Hermengarda, o que é viver vinte annos amarrado ao proprio cadaver?»

Isto é inintelligivel, é enigmatico, é improprio, é absurdo.

Ora o absurdo a ninguem é permitido.

3.º Nevoas mais densas ainda, imagens mais absurdas, ausencia de criterio e bom senso, perolas de vidraça, lantejoulas repugnantes, vegetações paludosas.

Exemplo:

«O Sempiterno as creou (as dores) quando nossa primeira mãe nos converteu em reprobos: ellas servem porventura, ainda de algum refrigerio lá nas trevas exteriores, onde ha o ranger dos dentes.»

O que são trevas exteriores aonde ha o ranger dos dentes?

Isto é dantesco derrancado, é dantesco com o *oidium tuckeri*.

D'aqui á *estola do infinito*, ás *trevas que luzem* e sandices de igual jaez não dista muito, com licença do profundo historiador.

Escusado é citar mais. O que ahí fica basta por ora. No futuro, se o publico nos favorecer, continuaremos nesta analyse.

Se Herculano escrevesse sómente aquellas suas lendas tão portuguezas, tão cheias de perfume patriotico, certo que houvera

dado melhor e mais prestadio exemplo, do que cançando e aquecendo o cerebro, para forjar o monstruoso *Monasticon*, que só tem de bom o nome.

A abstenção é virtude rarissima, e o *nosce te ipsum*, com ser de tão facil memoria é de si muito difficil na pratica.

VI

Concluamos agora, para contento dos leitores, se porventura não se enfastiaram.

O connubio incestuoso, segundo a phrase picaresca de Vieira de Castro, entre Herculano e Castilho, deu origem a essa hybriede moral, que se denomina nova escola.

Os dois illustres representantes da nossa litteratura são ao mesmo tempo os progenitores desse myriapode, que agatanha as cordas da lyra portugueza, dessa lyra que por tanto tempo tanqueu o nosso Garrett.

A imitação servil de Victor Hugo, começada aliáz por Mendes Leal, Corrêa Caldeira e outros, a leitura sem digestão de Cousin, Villemain, Taine, Laugel, Janet, etc., e o eco dos nomes arrevesados de Locke, Swedenborg, Hegel e Kant deram incremento á tal escola que nasceu em berço tão fidalgo e illustre.

Os remedios que propomos consistem :

1.º Em tractar os taes *ophophobos*, (litteralmente *inimigos do saber*) como animaes empestados, que carecem de monteria e perseguição constante até os soterrar nas catacumbas, donde nunca deveram sair, e aonde todas as regiões novas, falsas ou verdadeiras, devem celebrar os seus mysterios. Nas catacumbas é permitido aos Antheros e quejandos adorarem a Idéa sob a forma de uma cebola ou de um rabano, porque as cascas de cebola são os cyclos da humanidade, e a forma pyramidal do rabano representa a aspiração para o infinito.

2.º Em voltar ao nosso poeta, ao bom Garrett, áquelle desalmado, que nunca deixou de ser portuguez. Esse sim, que pode fazer o milagre de enxotar o germanismo, de que todos vão soffrendo, em mais ou menos grau.

E agora, leitores, que chegamos ao fim, comprem o folheto pelo classico tostão, e se lhes agradar pode contental-os com outro

● Ermita do Chiado.



O MAU-SENSO E O MAU-GOSTO

Carta mui respeitosa ao ex.^{mo} sr. Antonio Feliciano de Castilho, em que se falla de todos e de muitas pessoas mais, por Amaro Mendes Gaveta, com uma conversação preambular por Gaveta Mendes Amaro.

PREÇO 100 RÉIS

GARRETT, CASTILHO, HERCULANO

E A ESCOLA COIMBRÃ

Ou dissertação ácerca da genealogia da moderna escola, contendo um esboço rapido e pittoresco da litteratura contemporanea, pelo Ermita do Chiado.

PREÇO 100 RÉIS

Vendem-se estes folhetos :

Em Lisboa, nas lojas do costume.

No Porto, na livraria Moré.

Em Coimbra, na livraria Moré.

Remettem-se, francos de porte, a quem enviar a sua importância em estampilhas ou valles do correio, a J. G. de Sousa Neves, rua do Caldeira n.º 17—Lisboa.

